

A Bíblia é uma ferida para homens e mulheres negras porque ela não foi neutra na história da escravidão. Ela sempre esteve do lado do Rei, do senhor de escravos, do rico, do bispo e do homem branco. Ademais, por meio da Bíblia o povo estava algemado ao *doce inferno*, o engenho de açúcar. Então, o ler a Bíblia para a pessoa negra passa a ser um sofrimento deixado pela história da escravidão que marcou profundamente seu corpo e mente e que, todavia, não foi sanado.

Também não se deixa de fazer memória histórica sobre a situação de inumanidade a que fora submetida a população negra sob interpretações bíblicas racistas. Ao longo da história, negou-se à pessoa negra *o ter, o saber e o poder*; e o povo negro ficou marcado por estes valores que, em suma, para o mundo branco, são o *não ser*.

Paradoxalmente, o povo negro encontrou a Bíblia como fonte de resistência e, a partir dela, conseguiu estabelecer a diferença entre o Deus opressor do branco e o Deus libertador que condena todo tipo de escravidão. Através da identificação de sua história com as passagens bíblicas, o povo negro viu na Bíblia uma companheira de luta, uma fonte de esperança onde ele podia matar a sede de liberdade.

Para compreender a relação entre povo negro e Bíblia deve-se ter consciência de que a Bíblia é o resultado de uma eleição de livros e escritores. Também deve-se considerar que esta eleição estava ligada à realidade humana e que foram deixados fora do cânon vários escritos.

Importante é ressaltar que a Bíblia

é vista pelo povo negro nesta dialética de dor e alegria. Para sentir o quão doce é a mensagem de libertação da Bíblia ao povo negro, é necessário que, primeiramente ou simultaneamente, ele descubra o amargo que é, que pode ser, e que foi a interpretação bíblica na sua história.

Isto leva a pessoa negra a relativizar a Bíblia e faz com que ela resgate a história de seu povo, valorize sua vida e busque a identidade divina comprometida com suas lutas. Assim, nasce a hermenêutica bíblica negra enraizada na realidade do povo negro.

## PORQUE FALAR DE NEGRITUDE NA BIBLIA E NA IGREJA

Peter T. Nash

Tem gente que acha desnecessário falar em negritude na Igreja. Pois bem, Gálatas 3.28 diz, "*Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.*" Infelizmente esta verdade teológica ainda não é uma realidade encarnada. A situação sociológica, tanto dentro da igreja quanto fora dela, é que seres humanos continuam fazendo distinções baseadas na cor da pele. Por isso, elaboro alguns motivos para falar em negritude na Igreja e na Bíblia.

**Em primeiro lugar, é altamente saudável!** A Igreja em geral, e, especialmente, as denominações protestantes, sempre se desenvolveram num clima de diálogo e de debate. Martin Luther ima-

ginava o debate teológico como algo muito natural. A Reforma iniciou-se com um convite para debater. Não somente na Igreja, moderna mas na igreja incipiente temos testemunhos da diversidade de opiniões entre os apóstolos. Paulo e Pedro discutiram o lugar d@s genti@s na nova fé. Impressionante é o seguinte fato: os apóstolos defenderam o princípio de que @s não judeus não seguiriam exatamente o mesmo caminho que @s cristãos-judeus seguiriam! Na questão de participação d@s genti@s na salvação de Deus, o Concílio de Jerusalém resume-se nestas palavras *"Na verdade pareceu bem ao Espírito Santo e a nós, não vos impor mais encargo algum, senão estas coisas necessárias: Que vos abstenhais das coisas sacrificadas aos ídolos, e do sangue, e da carne sufocada, e da prostituição, das quais coisas bem fazeis se vos guardardes. Bem vos vá."* (At 15.28-29).

No AT, também temos vários exemplos que mostram uma multiplicidade de caminhos dentro da fé sagrada: temos o livro de Esdras que, num momento de crise, quis expulsar todas as esposas estrangeiras para purificar a fé. Ao lado desta história triste, temos a história da Rute, uma moabita, descendente de incesto, que está destacada em um estado elevado como a antecessora de Davi, o maior rei do povo sagrado e, com isto, uma das poucas mulheres incluídas na genealogia de Jesus.

**É a verdade!** É normal para os seres humanos imaginarem-se dentro das histórias da sua fé. Por isso, nós american@s recebemos uma versão da história bíblica

que veio pela ótica européia. Mas o povo santo nunca caminhou na Europa! Caminhou na África e no Oriente Próximo; terras dos povos negros e morenos. Dificilmente podemos crer que a Família Sagrada, com pele clara, desceu até o Egito para esconder-se do alcance de Herodes! Qualquer um que procurasse uma família branca, com nenê, no Egito do primeiro século, acharia sem problema nenhum!

**Para abrir espaço nas nossas mentes e nos nossos corações** para pessoas que, como noss@s antepassad@s na fé, têm pele escura e padrões de comportamento familiar diferentes em vários pontos. Dando aulas de Hebraico e Antigo Testamento desde 1982, freqüentemente ouço d@s meus alun@s african@s, "Mas professor, é assim na minha cultura como é na Bíblia." Duvidei. Mas pesquisei e confirmei que é a cultura européia que se afastou da cultura bíblica. Conheci um Pastor Metodista da Libéria que, quando o seu irmão não teve filho algum, deu um dos filhos dele para manter viva a linha do irmão. (Compare a história de Abrão e Ló em Ge. 12 ss.) Conheci povos que praticam até hoje uma forma de levirato, uma outra maneira de manter uma linha familiar que pudesse deixar de existir. Não quero dizer que todas as práticas por mim já conhecidas são melhores ou piores do que temos na sociedade ocidental. Quero simplesmente destacar que elas existem como testemunhas do fato de que outros povos têm laços com a fé e cultura bíblica tão fortes como os nossos. Sairíamos melhor se olhássemos para o ver o que tem de bom ali com nossos irmãos e irmãs.

**Para corrigir alguns erros graves.**

Está na hora de assumir uma postura de penitência, como brasileiro e como teuto-brasileiro e luterano. Primeiramente, o país inteiro beneficiou-se da mão de obra forçada dos escravos, mas, no momento em que a economia favoreceu que os escravistas largassem os escravos despreparados na rua, eles o fizeram sem agradecimento nenhum e sem recompensa pela contribuição enorme que os involuntários da pátria fizeram. Apesar disso, com liberdade efetuada, vários negros adotaram o Brasil como a pátria nova e se capacitaram para fazer o melhor possível nesta república nascente.

Como luterano e teuto-brasileiro temos duas dívidas. Não existe posicionamento luterano algum a respeito da vergonha nacional de ser o último país no novo mundo a proibir o tráfico humano africano. Não existe proposta nenhuma para trabalhar em conjunto com os povos negros para proclamar o evangelho no país inteiro! Num país, com pelo menos 48% da população de descendência afro, nossa Igreja ainda não achou um jeito para formar uma parceria.

Pior ainda, a participação dos alemães como escravistas é negada na história popular da imigração alemã. “Foi proibido aos alemães serem donos de escravos” e “escravatura não existia no sul” são as mentiras mais repetidas. Mas existem registros de pastores alemães e luteranos que relatam o tratamento e batismos dos seus escravos. Leis gaúchas regulavam o tratamento e limitavam o castigo corporal dos escravos. Claro que também aqui no sul, na Igreja Luterana, havia escravos e até escravos

luteranos. Um jesuíta considerou necessário escolher entre a escravização de africanos e de indígenas para que os europeus pudessem desbravar esta terra vasta e maravilhosa. Ele decidiu sacrificar os africanos a favor dos primeiros habitantes da região. Claro que ele errou. Ninguém deveria ter sido escravizado, e ninguém deveria ser ignorado hoje.

Hoje os negros continuam excluídos dos caminhos do comércio, política e de outras formas de autodeterminação. A Igreja Luterana tem duas opções. Ela pode ignorar a pena de uma parte do povo de Deus por causa da cor da pele e diferenças culturais, ou ela pode denunciar esta travestida fantasia de justiça e exigir que o povo brasileiro assuma a tarefa de criar um Brasil justo e sem preconceito racial. No mesmo momento, pode vigorosamente começar a trabalhar a questão da exclusão dentro da própria Igreja. Hoje a IECLB é percebida como um lugar dos alemães. Muitos negros têm medo de chegar perto, mas quem ousa entrar e conhecer os luteranos fica sabendo logo que a IECLB é um lugar no qual realmente “tem lugar”. Mas não é suficiente ser uma igreja que tem lugar, temos que fazer o convite. Temos que nos tornar um lugar acolhedor.

**Para entender as escrituras sagradas de uma maneira mais perspicaz.** Afinal, não é nossa proposta como pessoas de fé, conhecer melhor nosso livro para entender melhor o *Sitz im Leben* de nossas tradições?

**Agradecemos:** Isabel Arendt por ter editado os artigos.